



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Gênero e geração: vivências da velhice feminina.

Autoria: Daiany Cris Silva (SEED)

A presente comunicação busca refletir sobre o envelhecimento de mulheres que mantiveram uma vida pública ativa durante suas trajetórias, liderando, participando ou atuando profissionalmente em espaços diversos de âmbito político e social. Por meio de entrevistas semiestruturadas, compostas por questões que objetivavam resgatar trajetórias e compreender as percepções que mulheres idosas com vida pública ativa possuem sobre si e o mundo, entrevistei seis interlocutoras de diferentes regiões do país, que possuem filiações com diferentes grupos sociais e políticos, o associativismo empresarial, instituições religiosas, o agronegócio, militância no movimento negro e LGBTTI, partidarismo e sindicalismo. Cada uma das interlocutoras colaboraram para a articulação de dois conceitos cruciais para esta discussão: gênero e geração. Entende-se como geração, diversos grupos de pessoas, com vivências plurais, que estão conectadas por uma posição e atuação comum no tempo histórico do processo social, assim como afirma o pioneiro dos estudos geracionais Karl Mannheim. No que se refere ao conceito de gênero, utilizo a concepção da teórica feminista Joan Scoot (1990), que apresenta a categoria gênero como um referencial de análise que possibilita localizar essa condição social como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas na sexualização, o que nos permite significar as relações de poder vividas cotidianamente. Este work apresentará como essas duas categorias podem ser articuladas de modo a apresentar em que medida as trajetórias de vida de pessoas de uma mesma geração, mas de diferentes condições sociais, constroem aproximações e distanciamentos em suas trajetórias de vida, percepções de mundo e posicionamentos políticos. O objetivo deste work é discutir como a constituição geracional e de gênero podem nos ajudar a pensar os trânsitos cotidianos de trajetórias de vida, principalmente no que se refere a vivência do envelhecimento feminino.



Com base nos relatos de experiência das interlocutoras, mostrarei como o estudo possibilitou verificar a importância atribuída pelas interlocutoras aos problemas de gênero e como se percebem em uma fase da vida que é considerada como a última do ciclo de vida, a velhice, foi possível dimensionar, ainda, que envelhecer só se torna uma questão pois, a elas é imposto uma maneira de ser e agir típica dos envelhecidos, em que a passividade e a imobilidade se tornam atitudes esperadas para a vida em sociedade, pelo menos é o que consensualmente se espera. No entanto, por mais que o corpo envelhecido apresente desafios, a vivacidade de suas mentes e os anseios políticos e sociais, tão presentes durante todo o curso de suas vidas, não permitem que seja esse o comportamento aderido por elas.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: